

# Veludo Azul: a música de David Lynch e Angelo Badalamenti

**Bolsista:** Nelson Dias Corrêa (nelsondiascorrea@gmail.com)

**Orientador:** Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Claudiney Rodrigues Carrasco

TRILHA SONORA – DAVID LYNCH – ANGELO BADALEMENTI

UNICAMP – Instituto de Artes – PIBIC/CNPq



## INTRODUÇÃO

Toma-se por *discurso* a prática de enunciar determinado conteúdo através da soma de várias mensagens e de uma linguagem específica. No caso da linguagem verbal, constituída por palavras, o modo como se organizam os termos de uma frase – sintaxe – permite diferentes resultantes de significado conforme sua articulação. Da mesma forma a música participa efetivamente da construção de significado no filme, em interação com os demais elementos constitutivos da linguagem cinematográfica – imagem, gestos, sons, texto. Contudo, por conter pouca ou quase nenhuma propriedade semântica a trilha sonora se presta a uma gama muito vasta de possibilidades de significação.

O presente projeto propõe uma breve investigação acerca das interações entre música e demais recursos de articulação fílmica a partir de análise da trilha sonora de “Veludo Azul” de David Lynch. Bem como em outros de seus filmes, Lynch apresenta influências do Surrealismo da primeira metade do século XX que contribuem para a construção de um contexto audiovisual em que o acaso objetivo permite uma vasta gama de interpretações. Procurou-se traçar tais influências e investigar seus desdobramentos e implicações na construção de significado a partir da relação entre a trilha sonora e os demais elementos do discurso cinematográfico.

## METODOLOGIA

Num primeiro momento, foi levantada bibliografia a respeito do Surrealismo. A partir da produção teórica de artistas e estudiosos envolvidos com o movimento ou dele contemporâneos e de análises realizadas posteriormente, foi possível ter um panorama das idéias e inquietações que cercaram a arte e o *modo de vida* surrealistas.

Outra etapa do trabalho consistiu em leitura de bibliografia voltada ao estudo em trilhas sonoras, com especial atenção ao funcionamento da música como elemento de articulação da narrativa e seu comportamento enquanto elemento constitutivo do produto audiovisual.



Kyle MacLachlan em cena de “Veludo Azul” (1986)



Cena de “Um cão andaluz” (1928)

## DISCUSSÃO E RESULTADOS

Considerado a última das vanguardas européias, o Surrealismo surge com a proposta de sistematizar o conhecimento que se acumulava em torno da idéia de uma arte livre dos ditames burgueses, que vinham causando insatisfação entre artistas e intelectuais desde sua institucionalização na segunda metade do século XVIII. O problema da *liberdade* serviu como ponto de partida na busca por modos de representação que escapassem das convenções que havia muito estafavam artistas pela Europa e mantinham em aberto grave fratura entre a arte e o povo de seu tempo. Diferente da imediata rejeição dadaísta a toda e qualquer herança da tradição, o Surrealismo tomava corpo com os estudos de Breton e seus contemporâneos no sentido de promover não apenas a *liberdade social* – muitos dos artistas ligados ao movimento se aproximaram dos escritos de Marx e chegaram a se filiar a partidos comunistas – mas também a *individual*. Esta, que levaria o ser humano a se livrar das amarradas impostas por uma sociedade deformadora da personalidade, tinha como embasamento os estudos de Freud sobre a psicologia do sonho. A idéia de um discurso pictórico do sonho, enquanto mecanismo de manifestação do desejo latente, gera novos ímpetus em direção a modos alternativos de representação – o automatismo já presente em Dada toma outras proporções e o cinema se mostra um terreno fértil para experimentalismo. “Um cão andaluz” (1928), de Buñuel e Dalí, marca a incursão do movimento Surrealista no cinema e apresenta soluções interessantes de vários dos questionamentos a respeito da representação e da busca um modo específico do inconsciente.

A trilha sonora, com suas propriedades semânticas nebulosas, acaba se prestando a uma vasta gama de possibilidades de significação – ainda mais em se tratando de um discurso cinematográfico tão carregado de metáforas. Em “Veludo azul” (1986) David Lynch se mostra influenciado pelo trabalho do surrealistas em diferentes aspectos: a atmosfera tranquila e ao mesmo tempo obscura da pequena cidade de Lumberton escondem mistérios que se interligam como num pesadelo ao longo do filme. A trilha sonora – que à época de “Um cão andaluz” consistia basicamente de seleções de tangos e trechos de peças orquestrais do início do século tocadas em gramofone – ficou a cargo do compositor norte-americano Angelo Badalamenti, que soube se utilizar tanto de música orquestral escrita para a ocasião quanto de baladas inocentes da década de 1950 para compor o produto final de maneira coerente. Nota-se o uso inteligente de *leitmotive* desde a música dos créditos iniciais até o clímax do enredo e seu encaminhamento ao desfecho e pontuações feitas adequadamente pelas canções em momentos específicos.

Um aspecto bastante desafiador no processo de composição da trilha sonora de um produto audiovisual se encontra em não permitir que a música *roube a cena* – isto é, que chame a atenção demais sobre si – sem que passe despercebida, incorrendo, então, no desperdício de um forte recurso de articulação da narrativa. Num filme como “Veludo azul”, que em diversos momentos apresenta ligações pouco óbvias no fluxo sintagmático, esta operação torna-se ainda mais delicada e ao mesmo tempo abre um leque amplo de possibilidades de significação por trabalhar e retrabalhar elementos do repertório *a priori* do espectador, acessando seu imaginário de modo ainda mais subjetivo.

## SÍNTESE BIBLIOGRÁFICA

CARRASCO, C. R. *Trilha musical: música e articulação fílmica*.

São Paulo: USP, tese de mestrado, 1993.

METZ, C. *A significação no cinema*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1977.

Tradução de Jean-Claude Bernadet.

HAMMOND, P. (Org./Trad.) *The shadow and its shadow: surrealist writings on the cinema*.

San Francisco: City Lights Books, 2000.

WILLIAMS, L. *Figures of derise*. Urbana: University of Illinois Press, 1981.

MICHELI, M.D. *As Vanguardas Artísticas*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

Tradução de Píer Luigi Cabra